



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CAMPUS III -CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LINGUAS E LITERATURAS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

MAGNA VANIELE ANJOS DE OLIVEIRA

**GÊNERO DRAMÁTICO: PROPOSTA DE USO, NO ENSINO MÉDIO, DA PEÇA “O
PAGADOR DE PROMESSAS”, DE DIAS GOMES (2002) E DA VERSÃO FÍLMICA
DE ANSELMO DUARTE.**

GUARABIRA

2020

MAGNA VANIELE ANJOS DE OLIVEIRA

GÊNERO DRAMÁTICO: PROPOSTA DE USO, NO ENSINO MÉDIO, DA PEÇA “O PAGADOR DE PROMESSAS”, DE DIAS GOMES (2002), E DA VERSÃO FÍLMICA DE ANSELMO DUARTE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

GUARABIRA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

O48g Oliveira, Magna Vaniele Anjos de

Gênero dramático: proposta de uso, no ensino médio, da peça “O pagador de promessas”, de Dias Gomes (2002) e da versão fílmica de Anselmo Duarte / Magna Vaniele Anjos de Oliveira. – Guarabira: UEPB, 2020.

40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones”.

1. Ensino de literatura. 2. Gênero dramático. 3. Leitura. I. Título.

22.ed. CDD 401.41

MAGNA VANIELE ANJOS DE OLIVEIRA

GÊNERO DRAMÁTICO: PROPOSTA DE USO, NO ENSINO MÉDIO, DA PEÇA “O PAGADOR DE PROMESSAS”, DE DIAS GOMES, (2002) E DA VERSÃO FÍLMICA DE ANSELMO DUARTE.

Data da avaliação: 27/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Avaliadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. João Batista Teixeira (Avaliador)

Faculdade do Maciço de Baturité (FMB)

A todos os meus mestres, que dedicaram seu empenho em minha formação, e se tornaram parte de quem sou hoje.

Aos meus familiares, que acreditaram em mim, principalmente a minha mãe, que mesmo sem saber foi a minha maior incentivadora, desde sempre.

AGRADECIMENTOS

A efetivação desse trabalho contou com o auxílio e o incentivo de muitas pessoas. Gostaria de agradecer em especial a algumas delas:

A todos os professores do curso, que contribuíram grandemente com todo o conhecimento que possuem, que nos orientaram, incentivavam e aconselharam.

Ao coordenador do curso, Paulo Ávila, que sempre nos estimulou, ouviu nossas aflições e nos ajudou a enfrentar os desafios que surgiram no transcorrer do curso.

Ao meu orientador, Eduardo Valones, que me auxiliou no processo de realização desse trabalho.

A todos os colegas de curso, que estavam sempre disponíveis para sanar dúvidas, para contribuir com os seus conhecimentos científicos, metodológicos e de vida.

A Eliane Costa, que me impulsionou desde o início, e se manteve presente para me auxiliar de todas as formas.

Aos meus pais, que fizeram o que estava ao seu alcance para me inserir no mundo do conhecimento. Mesmo sem terem uma formação acadêmica, souberam reconhecer o valor da educação na vida de um indivíduo, e tornaram isso presente durante a minha criação. Sem eles não seria quem sou hoje.

A Joacir Ribeiro, meu companheiro, que sempre me impulsionou, me apoiou, que sempre me lembrava que eu seria capaz.

Por fim, a Deus, força geradora de tudo, que concretiza nossos sonhos, nos dá entusiasmo para realizá-los.

A literatura é um exercício de pensamentos; a leitura, uma experimentação dos possíveis. (COMPAGNON, 2009)

RESUMO

O uso dos textos de gênero dramático, apesar de pouco utilizados, caracterizam-se como uma opção bastante viável nas aulas de literatura. Por meio da aplicação desse gênero, objeto de estudo deste trabalho, o professor pode suscitar em seus alunos a curiosidade pela leitura e análise do texto literário. Suas particularidades (leitura dialógica entre os personagens, ambientes e personagens geralmente bem descritos, leitura envolvente) proporcionam, tanto ao leitor que está iniciando-se na prática da leitura, quanto ao leitor assíduo, um momento de descobrimento, uma leitura tranquila e prazerosa, que chama o leitor para dentro da história. Os objetivos deste trabalho se caracterizam em fazer um breve aparato sobre o ensino da literatura na sala de aula, sobre o uso do gênero dramático e seus benefícios, e também trazer uma proposta de projeto que pode ser implementado em turmas do ensino médio. Tomou-se como base *O pagador de promessas* de Dias Gomes (2002), e a obra fílmica homônima, baseada na mesma, com direção de Anselmo Duarte. Por meio de uma revisão bibliográfica, descrevemos a literatura sob a visão de estudiosos do tema como Antonio Cândido, que trata da literatura com o seu caráter humanizador, como Bordoni e Aguiar, que abordam a temática da formação do leitor, como Regina Zilberman, que mostra a literatura em seu caráter social. Esperamos que por meio da leitura deste, ideias sejam afloradas no que diz respeito aos textos do gênero dramático, que a utilização destes, com o auxílio de técnicas que dinamizam a aula, possa tornar mais atrativos, prazerosos e produtivos os momentos em sala de aula, pensando tanto no viés didático pedagógico, quanto no aspecto humano. Assim, que o texto dramático possa atuar como potencializador do desenvolvimento do aluno no que se refere à leitura.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, gênero dramático, leitura.

ABSTRACT

The use of dramatic genre texts, although little used, is a very viable option in literature classes. Through the application of this genre, object of study of this work, the teacher can rouse in his students the curiosity for reading and analyzing the literary text. Its particularities (dialogical reading between the characters, environments and characters generally well described, engaging reading) provide, both to the reader who is starting to practice reading, and to the assiduous reader, a moment of discovery, a quiet and pleasant reading, that draws the reader into the story. The aim of this work is characterized in making a brief approach to teaching literature in the classroom, on the use of the dramatic genre and its benefits, and also to bring up a project proposal that can be implemented in high school classes. *O Pagador de Promessas* by Dias Gomes (2002) and the work *Fílmico Homônima* that was based on the same, directed by Anselmo Duarte. Through a bibliographic review, we describe the literature under the gaze of scholars of the subject as Antonio Cândido, who deals with literature with its humanizing character, such as Bordoni and Aguiar, who approach the theme of reader education, such as Regina Zilberman, who shows the literature in its social character. We hope that through this reading ideas will emerge regarding to texts of the dramatic genre, that the use of these, with the help of techniques that streamline the class, can make the moments in the classroom more attractive, pleasurable and productive, considering both the didactic pedagogical bias and the human aspect. Thus, that the dramatic text can act as an enhancer of the student's development with regard to reading.

Keywords: Literature teaching, dramatic genre, reading.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PERANTE AS DEMAIS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO	15
2.1.	A quem cabe a função de transformar o indivíduo em um leitor?	20
2.2.	A escolha adequada do texto literário	22
3.	REFLEXÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LITERATURA	25
3.1.	Do trabalho com o Gênero Dramático à prática teatral	27
4.	DESENVOLVENDO A APLICAÇÃO PRÁTICA	28
4.1.	Breve análise sobre a obra	28
4.2.	Sobre o autor	29
4.3.	Proposta de Intervenção	30
4.4.	Projeto: “O Pagador de Promessas: Análise da obra de Dias Gomes e as relações com a obra filmica de Anselmo Duarte”	32
5.	CONCLUSÃO	39
6.	REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Pensar sobre o ensino da literatura na educação básica é um desafio que exige de nós, professores, habilidade de recriação, criatividade, e acima de tudo, entusiasmo. Despertar nos alunos o interesse pela literatura, levar os discentes a lerem textos literários por prazer, por vontade própria é o ideal vislumbrado por qualquer professor de literatura. Na concepção de alguns alunos, estudar literatura é uma mera obrigação para se obter a pontuação necessária para a progressão do curso, ou nos exames seletivos como vestibulares e ENEM, é um ato de decorar e acumular informações sobre obras clássicas, sobre características das Escolas Literárias, sobre autores.

O papel de um professor é, então, buscar meios para prender o foco, para instigar o aluno, para desenvolver nele o desejo de buscar mais, para que vejam a literatura como algo essencial para sua formação discente. Além disso, é necessário que o aluno observe na literatura, um cenário de portas abertas, um palco onde todos os seus “eus” podem encenar, interagir, ganhar luz.

Estudar literatura deve ir além da obrigação, deve ser algo prazeroso para o aluno, de modo que ele se identifique com o que lê, que veja na leitura um reflexo do seu próprio mundo, da sociedade, dos seus problemas. A literatura deve ser vista como uma extensão da vida. Um trecho da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata muito adequadamente desse aspecto da literatura:

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/ vivenciando. (BRASIL, 2018, p. 499)

É esta a visão que esperamos que os alunos tenham da literatura, algo que ultrapasse os limites da obrigação, do dever, algo que os liberte, que os faça conhecer mais sobre o mundo e sobre si mesmos. Uma dança delicada, onde as palavras dançam entre si, unem-se formando lições que somente os que passaram pelo estudo orientado para compreender tais facetas conseguem entender.

Sabemos, porém, que a realidade ainda se distancia desse ideal. Não precisamos ir muito a fundo para notarmos que a visão de literatura que a maioria das pessoas tem é bem diferente. Isso se torna claro nos diálogos do dia a dia, nas conversas com familiares e amigos, quando os

questionamos sobre a literatura como instrumento de formação, de libertação, como um passatempo que relaxa, diverte e instrui. Boa parte das pessoas não tem esse hábito, primeiro pelo fato de não terem sido ensinadas e estimuladas pelos responsáveis, segundo porque durante a formação, na escola, o aluno não foi tocado, o letramento literário não ocorreu de fato.

A Literatura se caracteriza como um direito universal, como o direito ao lazer, à formação, à alimentação e tantos outros direitos que visam tornar a vida do homem digna. (CANDIDO, 2011) A literatura ocupa esse lugar de direito universal não apenas no sentido de propiciar ao homem o contato com a arte, como um tipo de manifestação artística, mas como um meio formador, instrutivo, que possibilita ao leitor um “abrir de olhos”, a descoberta de novos mundos. Sendo assim, o indivíduo ao ser privado desse direito, perde a oportunidade de se promover como ser humano, perde dignidade, formação.

Direcionando o nosso foco para a escola, ao realizarmos uma breve análise observando a maioria das aulas de literatura, notaremos algumas características típicas que desestimulam o aluno em seu letramento literário, nesse processo de encantamento pela leitura: foco nas produções presentes no livro didático, superficialidade dos textos propostos para a análise, visão deturpada e estereotipada da literatura como algo desnecessário e pouco atrativo para os alunos.

Pensando nessa dificuldade, e na necessidade de se buscar uma alternativa para essas questões, lançamos como proposta a utilização de textos do gênero dramático. Esses proporcionam, quando trabalhados com uma técnica adequada, uma leitura agradável, envolvente, de forma que o leitor se sente atraído pela leitura. Ler uma peça, por exemplo, nos faz “ver” o cenário, imaginar a caracterização do ambiente, do personagem. Diferente do texto narrativo, um texto dramático necessita ser rico em detalhes para situar o leitor no ambiente da encenação.

Além dessa leitura agradável, o texto do gênero dramático se mostra muito atrativo para o professor e para o aluno devido à extensão da obra. A maioria dos textos referentes a esse gênero é relativamente pequena, possibilitando ao aluno a leitura na íntegra, inclusive na própria sala de aula.

Isso nos remete a um problema que é consensual entre os professores de literatura: o pouco tempo disponível para a leitura dos textos literários em sala de aula. Quase não há tempo para a leitura deles na aula, e isso leva o professor a sugerir somente a leitura parcial de uma obra, ou de um texto menor como um poema, uma poesia, um conto. Temos assim aulas de literatura com pouca variedade de gêneros, geralmente restritas a textos de menor extensão ou fragmentados. A intenção não é desmerecer esses textos menores. A ideia é que seja

possibilitado para aluno e professor, o trabalho com um gênero que é pouco trabalhado, e que permite a leitura completa da obra, na própria sala de aula.

É relevante destacar a importância, tanto da escolha do gênero que será trabalhado em sala de aula, quanto do tema escolhido para abordagem dessa obra. É interessante que o professor opte por temas que se encaixem no ambiente cotidiano do aluno. O professor necessita selecionar bem os temas presentes nas obras escolhidas, tudo precisa ser levado em conta, aspectos como a faixa etária, contexto sociocultural, relações familiares. Ao serem escolhidos os temas, o professor precisa ter em mente qual a sua intenção, o que ele deseja transmitir com as atividades provenientes de determinada obra. E, além disso, o professor deve transmitir ao aluno a imagem positiva da literatura.

Por meio da leitura do texto literário, o aluno deve observar que a sua vida, a vida de sua comunidade e a vida do outro está representada na obra trabalhada em sala de aula. É interessante que o aluno se veja no texto que ele está lendo na sala. Além disso, o aluno deve ser levado a observar e conhecer outras realidades diferentes da sua, por meio da leitura dos textos literários. Dessa forma, o ensino de literatura proporciona uma maior aproximação entre a produção do conhecimento e o cotidiano, traz para a realidade da sala de aula toda a infinidade de informações presentes nos textos, e isso, em conjunto com o método adequado de leitura, faz com que o estudo não seja rotulado como monótono.

Uma análise sobre os aspectos que envolvem esse processo nos faria observar quais práticas seriam mais hábeis, quais caminhos poderíamos traçar para alcançarmos uma eficiência no ensino de Literatura na sala de aula, para que se pudesse extrair o máximo de conhecimento.

Pensando em todas essas questões e em tantos outros inquietamentos, o presente trabalho propõe um estudo sobre as diversas facetas, sobre o uso do gênero dramático nas aulas de literatura, tal como os desafios, dificuldades e benesses, estabelecendo uma proposta de uso de uma obra teatral, *O Pagador de promessas* de Dias Gomes (2002), e, estabelecendo relações com a versão fílmica de Anselmo Duarte.

Caracterizando o texto de gênero dramático como uma possível porta de entrada para inserir o aluno no universo mágico da literatura, esperamos que, durante a realização do projeto aqui proposto, o aluno veja no texto escolhido, algo que ele estude por vontade, por prazer. Dizemos assim, pelo fato de não bastar apenas levar o aluno a ler, isso, bem ou mal feito, vem sendo realizado ao longo do tempo, a intenção é que esse processo se torne atrativo, que o momento da leitura se torne esperado pelo aluno como algo bom, como algo desejado.

Assim, esta produção traz uma proposta de utilização, um plano, uma alternativa para se trabalhar a Literatura de forma atrativa para os alunos, fazendo com que eles se tornem não apenas ouvintes, expectadores, mas protagonistas no seu processo de aprendizagem.

Essa proposta se baseia na utilização da comparação entre duas obras, a original de Dias Gomes, a obra teatral “O Pagador de Promessas”, e a obra fílmica homônima, baseada na mesma, dirigida por Anselmo Duarte. Sugerimos nesse trabalho uma proposta de leitura comparativa entre estas, e em paralelo, levando os alunos a produzirem e porem em prática um trabalho realizado por eles.

Trazemos ainda reflexões acerca da Literatura, enfatizando a sua importância para a formação do indivíduo, do discente, do cidadão, mediante as falas contidas em alguns dos documentos que regem a educação nacional: Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio (PCNME), Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de alguns escritores especialistas no assunto, como Antonio Cândido, Regina Zilberman, Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordoni, dentre outros.

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PERANTE AS DEMAIS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO

Quem é professor, ou até mesmo quem foi ou é estudante compreende bem um questionamento que é típico da grande maioria dos alunos mediante o estudo da literatura. Por qual motivo devemos estudar literatura? Em que acrescenta em nossas vidas pessoais, profissionais? Em que utilizaremos o conhecimento que adquirimos nas aulas de literatura na prática da nossa vida? Chega-se então a conclusão que estudar literatura é tão somente uma obrigação? Parte da disciplina de Língua Portuguesa que por tabela precisamos cumprir? Deveríamos então empregar nossas forças e entusiasmo nas áreas do conhecimento humano que teriam mais aplicações práticas como a Gramática e a produção de textos?

Esses e tantos outros questionamentos pairam pelas cabeças dos estudantes, contribuindo para que a ideia de que o estudo desnecessário da literatura se solidifique em seus imaginários.

Em sua obra *Literatura para quê?* Antoine Compagnon responde aos questionamentos referentes à motivação em tornar a leitura dos textos literários uma prática constante em nossas vidas. Ao estabelecer respostas às indagações sobre o motivo de se estudar literatura, o autor relaciona a ela, à literatura, três poderes. O primeiro deles diz respeito ao fato de a literatura deleitar e instruir ao mesmo tempo. O segundo poder trata da literatura como um remédio que liberta o indivíduo da submissão, da sujeição às forças opressoras. O terceiro se encarrega de solucionar as falhas da linguagem, refinar o repertório linguístico. Ele caracteriza esses três poderes da literatura como clássico, romântico e moderno. O autor se refere ainda a um quarto poder, o pós-moderno, o “Impoder sagrado”, que trata da possibilidade/impossibilidade de salvar o homem de seus atos inumanos. (COMPAGNON, 2009, p.30,33-34,37, 44)

Para iniciarmos nossas análises, lembremos que a literatura se iniciou de maneira oral. Uma prática muito comum, até hoje, é a contação de histórias, a narração de um caso. É típico, nas nossas conversas cotidianas, contarmos histórias, sejam elas reais ou não, é natural recitarmos um verso de um poema. Assim iniciou-se a literatura, por meio da oralidade. Quando o homem passou a ter domínio da fala, e a desenvolvê-la de forma a utilizar dela, quando ainda não tinha domínio da escrita, ele falava, narrava, contava histórias, seja para o entretenimento, seja para a formação, para ensinar de alguma forma às gerações seguintes.

De início, isso já nos demonstra a importância da literatura para a nossa formação. Tantas histórias, contos, romances, lendas, poemas, canções, permaneceram na oralidade até que chegassem ao universo dos escritos, dos livros. Tamanha é a riqueza humana, artística,

cultural que esteve guardada na mente das pessoas, era passada por meio da fala, e foi, um dia, eternizada no mundo das letras. Sendo assim, a literatura se caracteriza como um bem da humanidade, uma fonte inesgotável de conhecimento.

Partamos agora ao princípio do conceito, daquilo que poderíamos chamar de literatura. Podemos começar dizendo que a literatura é uma das formas de manifestação artística, do homem para o homem.

Desde que desenvolveu a capacidade de se comunicar com os seus iguais, seja verbalmente, como já colocado, ou por meio da escrita, o homem passou a utilizar desses recursos para expressar seus sentimentos, para gerar sensações, para tocar seu semelhante.

Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, um romance e Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos. (COMPAGNON, 2009, p. 23)

Notamos aqui a visão da literatura como um meio de formar o indivíduo no aspecto da humanidade. A literatura nesse contexto, se caracteriza como a arte das palavras, que visa a formação do indivíduo, mas não apenas isso, a literatura objetiva tocar o homem mediante o exercício do auto aprimoramento.

Antônio Candido estabelece o critério de englobamento de textos produzidos pelo homem ao longo do tempo para designar o que é literatura, desde obras mais simples e populares, até obras mais elaboradas e clássicas:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações e toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escritas das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Tratando a literatura de forma mais prática, poderíamos dizer que ela versa sobre um conjunto de obras escritas pelo homem. Essas obras escritas podem ser de textos em prosa ou em verso. Alguns desses textos são agrupados no que chamamos de clássicos literários. Telles e Candido se referem aos clássicos como textos que merecem ser lidos sempre, que nos provocam surpresas durante a leitura, mesmo que não seja a primeira vez que os lemos. (TELLES e CANDIDO, 2008, p. 10)

Podemos nos referir a literatura como uma caracterização do mundo real. O mentor da obra literária utiliza das palavras e de suas facetas para criar um mundo paralelo representado

em sua criação, representando o mundo real. Por meio desse recurso, é possível que analisemos conceitos históricos, culturais, desta e de gerações anteriores. Assim, a literatura se mostra como ferramenta de análise histórica.

Bordinni e Aguiar tratam da obra literária como um produto resultante dessa interação entre o mundo concreto e o mundo idealizado pelo autor. Não se trata unicamente de uma idealização dele, mas uma espécie de releitura do mundo real caracterizado pelo mundo da obra.

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo da mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. (BORDINNI e AGUIAR, 1988, p. 14)

Outra forma de ver a literatura é através do status científico, a ciência literária. Sob esse ponto de vista, podemos observá-la por meio dos estudos literários, da teoria literária. Esses consistem na análise dos textos produzidos pelo ser humano desde quando obtiveram o domínio da escrita, (por meio de símbolos conferidos a significados) até hoje. Esses textos seriam objetos de estudo científico, sendo o profissional pesquisador desta área um cientista literário.

Outro lado de suas facetas, muito sutil e delicado, merecedor de nossa atenção, é a literatura enquanto direito universal. A todo homem e mulher deve ser acobertada essa garantia, esse direito à leitura, à instrução. Em “*O direito à Literatura*” Antonio Candido defende essa ideia. Ele afirma que todo ser humano tem direito a tudo que o leve a ter uma vida digna, e inclui “[...] o direito à crença, à opinião, ao lazer, e porque não, à arte e à literatura. ” (CANDIDO, 2011, p. 176). A Literatura seria, portanto, uma forma de dar dignidade às pessoas, fazendo com que tenham uma vida mais honrada. Complementa dizendo:

[...]A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.

Isso posto, devemos lembrar que além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão do mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. (CANDIDO, 2011, p. 182)

Comprendemos o valor inestimável da literatura, não apenas no seu aspecto humanizador, mas no caráter formador, doador de conhecimento. O ato de ler desperta em nós o desejo de aprimoramento, seja no aspecto formal, normativo, sendo possível por meio da literatura, obter o conhecimento de mundo, que embarca em si tantas formas de conhecimento

cultural, didático, entre tantos outros, seja no aspecto impessoal, individual, do ato de olhar para dentro de si, como forma de desenvolver o autoconhecimento.

Por fim, analisemos a literatura como disciplina do currículo escolar. Presente na disciplina de Língua Portuguesa, ensinada desde a educação infantil, até o ensino médio, a literatura divide espaço com o estudo da gramática e a leitura e produção de textos. Em alguns casos, estudada em conjunto com as demais, em outros estudada de forma individual e independente.

Notamos até aqui, diferentes conceitos e pontos de vista sobre a literatura. Observemos agora a forma como a literatura é retratada em alguns dos documentos que regem a educação nacional, começando com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Como o nosso foco se volta para o Ensino Médio, os documentos analisados se referem a essa modalidade.

Uma leitura dos PCNME (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) nos fará observar que a literatura em si é pouco citada. Falta clareza no que diz respeito a função da literatura como uma disciplina independente. Há uma crítica quanto à separação entre gramática, literatura e produção textual.

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. Presenciamos situações em que o caderno do aluno era assim dividido. (BRASIL, 2000, p.16)

No geral, a proposta presente nos PCNME vai de acordo com os critérios de interdisciplinaridade, onde as áreas do conhecimento humano devem ser estudadas em conjunto, em parceria. A questão seria então, a falta de ênfase em se notar a literatura como uma disciplina que tenha valor suficiente para ser notada como autônoma, e não apenas como um suporte para as demais.

Os PCN+, documento que se embasa nos quatro pilares propostos pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser, trazem um conjunto de orientações que complementam os PCNEM, e propõe uma visão complementar da literatura.

[...]A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou

Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guareschi; Molière ou Stendhal. (BRASIL 2007, p. 19)

Observamos então, que a literatura, neste caso, é vista como um complemento, um meio para servir de base às outras disciplinas, neste caso, História. Digamos que seria um meio, não o fim, a principal finalidade.

Vemos, em algumas situações, o termo literatura relacionado com “Os produtos culturais das diversas áreas (literatura, artes plásticas, música, dança etc.)” (PCN+, 2007, p. 63). Entendemos que assim a literatura perde o peso do status de disciplina, e se mostra como apenas uma das diversas manifestações artísticas produzidas pelo homem. Em outros casos, porém, a literatura recebe de volta esse status, como na citação a seguir:

Pensar o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e a oralidade. (BRASIL, 2007.p 70)

Complementamos ainda, que a citação reforça a necessidade de se trabalhar todas as vertentes da língua portuguesa em conjunto, sem desmerecer nenhuma delas, extraindo de todas o máximo possível, levando em consideração os critérios da interdisciplinaridade, de forma que uma complemente e enriqueça as outras.

A BNCC, documento que rege as bases da educação nacional, e dita o conhecimento mínimo que todos os estudantes têm o direito de obter, se refere inicialmente à literatura da seguinte forma:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. (BRASIL, 2018, p. 499)

Notamos que a visão presente neste documento emprega um grande valor ao ensino de literatura, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. Expõe ainda, a importância do texto literário, sem desmerecer o que chama de “e outros gêneros artísticos substitutivos”. A BNCC orienta ainda que seja oferecido aos alunos um vasto repertório de literaturas,

incluindo a literatura juvenil, indígena, africana, latino-americana, portuguesa, etc. Diz uma das competências da BNCC no tocante à literatura:

Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente. (BRASIL, 2018 p. 526)

Mediante as citações extraídas dos documentos que regem a educação brasileira, vemos que a Literatura, em alguns casos, perde relevância, ou no mínimo, a ela não é atribuído o seu real valor. Essa importância é atribuída, em maior parte, às áreas de Gramática e produção de textos. Acreditamos que essa visão equivocada prejudica a Literatura, pois ela é vista, neste caso, como uma área complementar, secundária, e isso se reflete na sala de aula, desmotivando os alunos, que começam a ver, desde o início, a Literatura como uma disciplina puramente complementar, sem valor, que não existe por si só, ou que deve ser estudada apenas para se cumprir tabela, e, em alguns casos, porque é exigida nos vestibulares e no ENEM.

2.1 A quem cabe a função de transformar o indivíduo em um leitor?

Mediante esse contexto de desvalorização do estudo da Literatura muitas questões surgem a esse respeito. Reflitamos: A quem é dada a incumbência de tornar o indivíduo um leitor? Quem deve ser culpado pela falta de interesse dos alunos no que diz respeito à leitura? Sobre esses questionamentos, Regina Zilberman afirma em *A Leitura e o Ensino de Literatura*: “Ensinar a ler e a escrever tem sido objeções da escola desde seus inícios, sendo essas atividades estimuladas já nas primeiras séries – ou ainda na pré-escola, segundo algumas orientações – e práticas em todas as disciplinas” (ZILBERMAN, 1988, p. 112)

Pensamos então que é dever da escola alfabetizar, formar o indivíduo leitor, desenvolver a leitura como uma prática social essencial para o seu desenvolvimento pleno. Consideremos outra reflexão de Zilberman: “[...]Alfabetizando, ela (a escola) converte cada indivíduo num leitor, introduzindo-o no universo singular de sinais da escrita, cujo emprego é tornado habitual por meio do treinamento contínuo” (ZILBERMAN, 1988, p. 18)

Entendemos assim, que o processo de alfabetização abre portas, constrói caminhos para que o indivíduo se insira no mundo social. E como esse processo se dá na escola, a ela se acrescenta essa função: de formar o indivíduo social.

E é justamente nesta fase da formação da criança que a Literatura deve ser inserida. Mesmo na fase de aprendizagem da linguagem, quando a criança tem contato com a literatura, é como se ela descobrisse um mundo mágico presente nos livros, nas histórias que lhes contam. A história contada tem para criança um valor simbólico, mágico. “A literatura é um bom exemplo do simbólico verbalizado.” (BRASIL, 2000, p. 20)

O processo de alfabetização é um momento de descobertas, de entusiasmo, quando se consolida na vivência de um indivíduo. Há, porém, uma quebra desse encantamento pela leitura, em algum momento. O que antes seria um momento agradável, quando o ato da leitura se concretiza, passa a ser apenas obrigação, algo imposto ao aluno.

A leitura necessita ser vista como um deleite, algo essencial a se fazer por prazer, um momento de aprimoramento pessoal, porque não dizer, de introspecção, um meio para olhar para si mesmo mediante a história contada. Segundo Zilberman, “[...]o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real.” (ZILBERMAN, 1988, p. 17)

Vale lembrar, porém, que não caberia somente ao professor a tarefa de semear esse anseio pela leitura nos alunos. O sistema tem as suas limitações, sabemos, e apesar desse argumento ser bastante debatido, precisamos falar sobre esse ponto. Não é, ou ao menos não deveria ser atribuída essa responsabilidade apenas à escola e ao professor. É dever também da família, da sociedade como um todo inserir a criança no universo da leitura desde cedo, mas como realizar tal tarefa se esse hábito não está inserido em nossa cultura?

Não precisamos pensar muito para chegarmos à conclusão que estamos diante de uma questão cultural. Não está implantado na cultura brasileira o hábito de ler como um uma prática prazerosa, como ver um filme, por exemplo. Está enraizado em nós, culturalmente, a ideia de que ler é obrigação, necessidade.

Zilberman relata que: “A justificativa para a presença do texto literário na sala de aula é a necessidade de conhecimento, por parte do aluno, da história, da literatura nacional, sua tradição e membros mais ilustres.” (ZILBERMAN, 1988, p. 110). Neste caso, a autora emprega à leitura o papel de formar o aluno, de o instruir.

A ideia é ensinar, instruir por meio da leitura, fazer uso do texto literário como meio de formação e de aprendizagem, mas fazer isso de uma forma que o aluno não enxergue o texto

literário unicamente para fins avaliativos, mas que ele se empolgue, se apaixone pela leitura durante esse percurso.

Outro ponto pouco observado é o que seria então o conceito adequado de leitor. Vemos algumas vezes pessoas que adoram ler gibis, quadrinhos, gêneros afins, que não são considerados leitores. Alguns gêneros têm o status de texto, outros não. Falta também a difusão dos mais variados tipos de textos. O indivíduo só poderá se encantar por determinado tipo de leitura se ele tiver acesso a ela, se com ela tiver contato se a ela for apresentado.

Não é necessário muito para que observemos as falhas do sistema de ensino quanto à propagação do hábito de ler. Uma breve conversa com alunos de educação básica nos fará observar que estudar literatura não é algo desejado pela maioria dos alunos. O estudo do texto literário tornou-se estereotipado como chato, sem graça. Isso se deve ao fato da forma como os alunos veem os textos literários, e também à maneira como os professores os apresentam aos alunos. Na grande maioria das vezes o texto se limita a uma leitura com fim avaliativo. Assim, o ato de ler por vontade própria, por prazer, deixa de ser cultivado. O indivíduo passa a ver a leitura como um dever, não como um direito.

Compagnon exemplifica o efeito de uma leitura que somente é feita por obrigação: “Quando se pergunta de qual livro gostam menos, os alunos de ensino médio respondem Madame Bovary, o único que foram obrigados a ler” (COMPAGNON, p. 22). Apesar de se caracterizar essa afirmação como um mero exemplo, o que vemos é que quando a leitura de uma obra é feita de forma obrigatória, o leitor perde boa parte do interesse por ela.

O hábito de leitura deveria ser visto pelo aluno como uma oportunidade de conhecer algo novo, como um ato de experimentação, não somente como uma obrigação, como um pré-requisito para uma avaliação, por exemplo. Além disso, seria interessante que esse hábito de leitura deleite, despreziosa, partisse de casa, das pessoas que o indivíduo toma como referência, pois a criança aprende com o que vê. O ato de ler deveria ser colocado como algo prazeroso, como uma diversão. Ler um livro necessita representar para a criança um momento lúdico, feliz, como o ato de brincar, e para o adulto, um momento ímpar de crescimento, de aprendizagem.

2.2 A escolha adequada do texto literário

Todo o planejamento pedagógico de uma aula deve ser criteriosamente pensado. É dever do professor pensar na aula como uma sequência de passos que reflitam sua formação, seu empenho para com seus alunos, seus objetivos. Planejar uma aula é também um ato político

social. Por isso é muito importante que o professor escolha muito cautelosamente os objetivos que deseja atingir.

Tratando mais especificamente das aulas de literatura, é de vital importância que o professor escolha adequadamente os textos que deseja trabalhar, essa escolha nunca deve ser aleatória, ou somente para extrair informações do texto. É muito importante que ele pense no texto se pondo na posição dos alunos para os quais ele planeja aquela determinada aula. Sobre a função social do professor durante a escolha do material escolhido para análise em sala de aula, Hullen e Toledo dizem:

Os professores, que são os principais intermediadores entre o conhecimento e os alunos devem estar sempre atentos ao material que fornecem aos seus alunos, buscando analisá-lo, selecionar as atividades, não se submetendo à censura sempre presente nos mesmos, impulsionada pelas ideologias e políticas dominantes. O professor deve, enfim, buscar melhorias para uma efetiva educação democrática, que serve como princípio básico na formação de uma sociedade melhor. (HULLEN e TOLEDO, 2016, p. 11)

Os autores apontam para uma questão bastante pertinente, de como o material escolhido pelo professor contribui para a formação social do aluno, de modo a desenvolver nele o senso crítico necessário para a sua efetivação como cidadão.

Sobre esse aspecto, Bordinni e Aguiar alertam para pontos extremamente relevantes. Primeiramente, quanto ao tipo de livros que devem ser oferecidos aos alunos, lembram que é necessário que o tipo de leitura seja familiar ao leitor. Dizem que “O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas a ele.” (BORDINNI e AGUIAR, 1988, p. 18). Outro ponto que os autores colocam é referente aos princípios fundamentais que regem o ensino da literatura: “[...]o atendimento aos interesses do leitor, a provocação dos novos interesses que lhe agucem o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário.” (BORDINNI e AGUIAR, 1988, p. 28)

É necessário que o professor tenha em mente que a escolha do seu texto levará a algo bastante positivo, no momento que o aluno refletir por meio da leitura o entendimento de si mesmo e da sociedade em que vive. Mas, por outro lado, se o processo do ensino da literatura não for bem realizado, o aluno poderá ser levado a pensar, como na maior parte das vezes, que a leitura de um texto literário de nada lhe serve, além de base para a realização de uma atividade.

No exercício da seleção, alguns questionamentos devem ser inevitáveis, tais como a condição social, econômica, social das pessoas que compõe a turma, média de idade, nível de

conhecimento e de aprendizagem. De uma forma genérica, o professor deve aprender a pensar como os seus alunos, deve desenvolver o hábito de enxergar com os seus olhos.

Com efeito, é preciso antes refletir sobre o caráter social da leitura, uma vez que essa obrigação, as vezes à sua revelia, contradições interiores, responsáveis primeiras pelas dificuldades de implantação de uma política continuada visando a sua difusão e democratização. (ZILBERMAN, 1988, p.19)

Tratar a leitura um ato social é, antes de tudo, desenvolver o entendimento de que por meio das leituras certas, o indivíduo pode desenvolver o seu senso crítico cidadão. O ato de ler forma não apenas leitores, mas cidadãos, conscientes da sua capacidade de ler e de compreender o mundo em que vivem, de abrir portas e de criar oportunidades, de protagonizar a sua própria história. Assim, o professor deve ter a consciência de que a escolha de uma obra literária traz consigo o peso dessa responsabilidade.

A leitura e a compreensão de um texto, quando bem escolhido e trabalhado, abre portas para o leitor, faz com que ele observe a realidade presente nele, estabeleça comparações com a sua própria realidade, faz com que ele desenvolva habilidades de percepção de mundo. Nesse contexto o texto se estabelece como uma ponte, um meio de ligação, “[...]o texto tornar-se intermediário entre o sujeito e o mundo.” (ZILBERMAN, 1988, p. 18)

Essa necessidade de formar leitores nas escolas se torna para o professor um desafio sem tamanho, primeiramente pelo fato dos pesos que ele necessita carregar desde sempre: a falta de hábito dos alunos, a falta de estímulo e de orientação dos pais e da sociedade como um todo, as dificuldades de viés financeiro que impossibilitam a aquisição das obras literárias por parte da instituição e dos alunos.

Há ainda outra dificuldade enfrentada pelo professor, o conhecimento, algumas vezes, insuficiente sobre o tipo de literatura que seria mais atrativa para os estudantes. Os professores de literatura empregam seu tempo na leitura das obras clássicas, e nos momentos livres, se dedicam ao tipo de literatura com as quais se identificam. Mas a grande maioria não se familiariza com o tipo de literatura que seria atraente e necessária para seus alunos, seja por falta de tempo, seja por falta de afinidade com esse tipo de leitura. Bordinni e Aguiar tratam desse aspecto relatando:

O maior obstáculo com que o professor se defronta para alcançar esses alvos está no conhecimento amplo e seguro ao acervo de títulos de literatura infanto-juvenil e para adultos com que poderá trabalhar em sala de aula. Qualquer modalidade de ensino depende, antes de tudo, do domínio que se tem do objeto

a ser ensinado. Quando se trata de literatura, a experiência de leitura e do senso crítico do professor não podem ser substituídas pelo aparato metodológico, por mais aperfeiçoado e atualizado que este seja. (BORDINNI e AGUIAR, 1988, p.28)

Por muitas vezes o professor se vê sobrecarregado com a rotina de trabalho entre aulas e planejamentos bem intensa. Mais um, entre tantos desafios que devem ser enfrentados e ultrapassados pelo professor.

3. REFLEXÕES ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LITERATURA

A utilização do texto literário sem dúvida transpassa as fronteiras do ensinamento, da formação dos alunos. Como já visto anteriormente, é algo que transcende, que ultrapassa esses limites, e por isso mesmo deveria ser lido em todos os lugares, inclusive em casa, desde o início da formação do indivíduo, como, porém, esse encontro entre as obras literárias e o indivíduo se dá, na maior parte das vezes, na escola, sobre a instituição recai o dever não apenas normativo, mas moral de inserir o texto literário na vida das pessoas. Zilberman afirma: “Parece ficar evidente que o texto se introduz na escola para servir a interesses diversos: de um lado, os da história literária e da cultura, de outro, os de veiculação de conhecimento já consolidados segundo uma postura crítica.” (ZILBERMAM, 1988, p. 117)

Ao refletirmos sobre essa vertente, observaremos alguns aspectos que merecem a nossa atenção. O primeiro deles diz respeito ao hábito de se trabalhar em sala de aula com obras de forma incompleta, ou ainda de deter-se ao trabalho de obras pequenas; o segundo se refere a dificuldade que os estudantes têm em ler textos literários, por acreditarem ser um tipo de leitura difícil, ou chata; por último, devemos refletir sobre a aplicação prática dessa leitura.

Pensando no texto como um conjunto de palavras, de ligações, de ideias, se o analisarmos como um todo repleto de sentido e de conexões, chegaremos à conclusão que é quase um crime literário fazer um recorte do texto para trabalhá-lo em sala. Uma atividade com uma parte de uma obra funciona até certo ponto, mas perde-se uma oportunidade incrível de fazer o aluno compreender o todo de um texto, o privamos de sentir a mágica que o texto causa. Ler um fragmento de uma obra é o mesmo que ver uma cena de um filme, o mesmo que ouvir uma parte de uma música.

Quando o professor desenvolve o hábito de trabalhar apenas fragmentos de textos, faz, mesmo que indiretamente, com que o aluno perca a noção de análise do todo, de percepção de

ligação dos fatos, dos acontecimentos presentes no texto. O aluno fica com o seu campo de análise restrito a textos pequenos, a partes isoladas de uma obra. Ao se acostumar com isso, ele dificilmente se sentirá instigado a ler uma obra em sua totalidade.

E, além de tudo isso, fazendo da leitura de fragmentos de textos um hábito em sala, desmerece-se o trabalho do autor que se preocupou em amarrar os fatos, em estabelecer as ligações, em construir algo repleto de sentidos e significados. Precisamos compreender que um texto é um todo construído de diversas partes, analisando apenas uma delas, não poderemos estabelecer uma ideia concreta do seu todo, podendo assim formar uma noção equivocada dele.

Um dos motivos pelos quais o professor não trabalha um texto de maior extensão é a falta de tempo. Em uma ou duas aulas é quase impossível ler uma obra de maior volume, e por isso ele se limita a propor partes de obras ou fragmentos.

Assim, um dos atrativos em se utilizar o gênero dramático, além de se trazer para a sala de aula algo que não é tão trabalhado, é a possibilidade de se trabalhar integralmente um texto literário. Os textos dramáticos são, em geral, de pequena extensão. O tempo de leitura é o tempo da encenação dele, geralmente duas, três horas. Dessa forma, é possível que os alunos leiam a obra inteira, inclusive no tempo destinado à aula.

Outra grande vantagem é pelo tipo de leitura. No geral, a leitura de textos desse gênero é bem agradável, isso porque se trata de diálogos, e além disso, a fala de cada personagem é bem marcada, bem como as suas expressões, sentimentos, reações. A ambientação também é bem detalhada, o autor se preocupa ao máximo em descrever os detalhes. O tempo da narrativa geralmente é especificado. De modo geral, tudo é facilitado para o leitor compreender da melhor forma possível todos os aspectos do texto. O leitor consegue se ver assistindo à encenação como um espectador, e isso torna a leitura envolvente, instigante.

Outro ponto positivo é a enorme possibilidade de utilização do texto dramático. O professor tem a oportunidade de sequenciar o seu trabalho pedagógico de diversas formas, que vai desde a escolha do tema central da peça, passando pela encenação desta, até as atividades posteriores de análise e produção. É possível realizar diversas sequências didáticas abarcando, por exemplo, as características do gênero dramático, análises textuais, encenação da peça, ou de outras com a mesma proposta, inclusive criadas pelos próprios alunos. Quanto a essa última proposta, é interessante levar o aluno a ver que os diálogos do seu cotidiano podem servir de inspiração para um texto. Uma observação que merece ser colocada, é que esse trabalho mais apurado do texto teatral em sala de aula exige mais tempo do professor e do aluno, sendo assim, é necessário que o professor delimite seus objetivos, analise o tempo que ele e que os alunos têm disponível para essa utilização do texto dramático.

3.1. Do trabalho com o Gênero Dramático à prática teatral

No trabalho com o gênero dramático o professor pode optar por estabelecer uma relação com a prática do teatro. Nada melhor que a prática para formar o conhecimento. Não é uma regra se trabalhar com o gênero dramático e se estabelecer a prática teatral na sala, diríamos que é um complemento. Se bem realizada, essa relação pode trazer muitos benefícios para os alunos.

Sobre o teatro, Arcoverde traz uma definição que nos faz refletir sobre os benefícios de se trabalhar o teatro em sala de aula. A autora trata desses benefícios sob o viés pedagógico, colocando questões importantes como a imposição de valores, como o autoconhecimento. Ela trata do teatro como um ato social.

A palavra "teatro" deriva dos verbos gregos "ver, enxergar", lugar de ver, ver o mundo, se ver no mundo, se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro. Dessa forma, de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas. (ARCOVERDE, 2008, p. 601)

Além dessas benesses proporcionadas pelo teatro, a prática teatral na escola estabelece nos alunos outras atitudes essenciais para o seu desenvolvimento, podemos citar algumas: habilidade de comunicação, a prática do discurso, a facilidade em falar em público, a expansão do vocabulário no momento da fala, autoconhecimento, estímulo à criatividade, incentivo à leitura, sem falar nas mudanças comportamentais que são geradas quando a prática do teatro se torna frequente.

Arcoverde discorre ainda sobre outras habilidades que são desenvolvidas pelos alunos por meio da prática do teatro:

“Oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula.” (ARCOVERDE, 2008, p.603)

Sigamos a nossa reflexão sobre a prática teatral na escola pensando na estreita ligação que o homem sempre teve com a arte. Tomando como base as encenações na Grécia Antiga, por exemplo, notamos que a função do teatro ia muito além do entretenimento e da homenagem

aos deuses, o teatro ensinava, por meio da comédia, por meio das histórias dramáticas. Os expectadores se viam nos personagens, aprendiam com eles.

No Brasil, as primeiras manifestações de encenações teatrais foram produzidas pelos jesuítas. Eles vieram para a América com o intuito de catequisar os índios. Esta era uma das estratégias dos portugueses para imporem a sua cultura aos povos nativos. O método de ensino que os jesuítas usavam para catequisar incluía a encenação das histórias bíblicas. Objetivavam com isso que os índios se sentissem ligados a Cristo e aos seus seguidores. Ensinavam também costumes éticos e morais de acordo com a cultura e tradição portuguesa.

A arte ensina de forma íntima e pessoal, de modo que o indivíduo introspecta o que recebe por meio de todos os seus sentidos, absorve todas as emoções, sensações, e dentro dele, são geradas as reações, incluindo o entendimento, o conhecimento.

Utilizar da arte cénica é um trunfo para o professor, torna o processo de ensino dinâmico, prático e prazeroso para o aluno. Ilumina o processo de aprendizagem, de forma que o aluno se sente motivado, instigado a interagir com o conhecimento, desejando-o sempre mais. E, além disso, dar ao aluno a possibilidade de encenar a peça que está sendo trabalhada na aula é dar-lhe sentido prático àquilo que está sendo estudado.

4. DESENVOLVENDO A APLICAÇÃO PRÁTICA

A ideia proposta neste trabalho é abrir caminhos, propor novos projetos e práticas de ensino baseados na utilização do gênero dramático, um gênero que tem uma gama de possibilidades disponíveis para o trabalho didático.

Propusemos uma pesquisa centrada em uma obra teatral relativamente conhecida, *O pagador de promessas* (2002), de Dias Gomes. A escolha por essa obra foi baseada em alguns aspectos bem pertinentes, tais como o tema central que traz uma temática atrativa, o enredo envolvente, a linguagem de fácil entendimento, e também pelo fato de existir uma versão cinematográfica desta.

4.1. Breve análise sobre a obra

A história se passa no interior da Bahia. Zé do burro, homem simples e trabalhador se vê desesperado ao ver seu melhor amigo, o burro Nicolau, doente e quase morrendo. Zé vai à

um terreiro de candomblé e faz uma promessa à Iansã. Parte dessa promessa é entregar na igreja de Santa Bárbara (Santa Bárbara equivalente a Iansã no Sincretismo religioso¹), em Salvador, uma cruz feita de madeira, que ele mesmo carregaria nas costas.

Alcançada a graça, Zé parte a caminho da igreja, acompanhado de sua esposa, Rosa. Chegando, cansados da longa e dolorosa caminhada, eles se deparam com a resistência do pároco da Igreja de Santa Bárbara em receber a cruz. O padre alegava não poder aceitar que ele entrasse na igreja com a cruz, como havia prometido, por ter feito a promessa a Iansã, pelo fato de a promessa ter raízes pagãs, por ter sido realizada em um terreiro de candomblé, dirigida a uma entidade não católica.

Todos os conflitos provenientes da promessa de Zé do burro geram uma grande confusão na frente da igreja. Praticantes do candomblé usam a imagem dele para afirmarem que a igreja católica os oprime; os jornais caem como abutres querendo mídia em cima da história do pagador de promessas; e outra parte da população acredita que ele teria o direito de entrar na igreja e cumprir o seu voto.

Ele é persuadido de muitas formas para modificar ou cumprir apenas parte de sua promessa. Sua esposa tenta convencê-lo a deixar a cruz na porta da igreja. O arcebispo pede para que ele refaça a promessa, para que ela se torne cristã. Os jornalistas distorcem o seu discurso para que ele seja visto pelo povo como um herói para uns, e como um louco para outros. Por fim, a polícia é chamada e, em um conflito, Zé é baleado e morto. Seu corpo é posto na cruz, e assim ele, juntamente com a sua cruz, entra na igreja.

Muitos aspectos podem ser observados e analisados nesta obra, como intolerância religiosa, mídia sensacionalista, princípios éticos e morais.

4.2. Sobre o autor

Alfredo de Freitas Dias Gomes, nascido no estado da Bahia, em Salvador, no ano de 1922, foi um dramaturgo e romancista brasileiro. Escreveu obras conhecidas nacionalmente como *Roque Santeiro* e *O Bem-Amado*, que foram sucesso na Rede Globo, emissora de televisão.

Em *O Pagador de Promessas*, Zé do burro, personagem principal, é uma típica figura popular, homem humilde, honesto, fiel à sua palavra, se vê em uma situação complicada,

¹ Iansã é uma divindade feminina do candomblé, religião de matriz africana. Ela é a comandante dos espíritos dos mortos, dos ventos. Iansã é sincretizada como Santa Bárbara. (IANSÃ, 2020)

causada pela devoção à sua promessa. Alguns dos personagens de Dias Gomes são bem caricatos.

Dias Gomes teve problemas com a ditadura, em algumas de suas produções como *Roque Santeiro* (novela exibida após a abertura da Ditadura Militar ao caminho da Democracia, foi baseada na peça *O berço do herói*, peça proibida durante os anos de chumbo do regime militar ditatorial), por se tratar claramente de uma crítica ao então presente regime de governo. A obra versava sobre a construção de um mito heroico. Ele escreveu muitas outras obras, entre elas *Saramandaia*, também bastante conhecida.

Dedicou-se a escrever diversas obras, peças de teatro, romances, telenovelas, minisséries. Foi ainda eleito pela Academia Brasileira de Letras em 1991, e faleceu em maio de 1999, em São Paulo, vítima de um acidente de carro.

4.3. Proposta de Intervenção

Pretendemos com essa proposta de atividades, incentivar e dar embasamento, abrir caminhos e mostrar possibilidade para professores que atuam com o ensino da literatura. Essa proposta é aplicável em turmas do ensino médio, por se tratar de alunos com uma maior bagagem de conhecimento de mundo, e por terem uma melhor noção do que se pretende trabalhar durante a realização do projeto.

Ao realizar um planejamento didático, o professor espera muito mais do que fazer com que seus alunos aprendam o conteúdo. Muito além disso, ele espera que seus aprendizes sejam tocados, que se sintam motivados a aprenderem mais, para que sejam pessoas bem-sucedidas.

Objetivamos nesse trabalho, estabelecer uma ligação entre a obra original, o texto teatral de Dias Gomes, e a obra fílmica, dirigida por Anselmo Duarte. Sobre a obra escrita, se trata de um texto de leitura fácil, instigante, tem um enredo muito bem desenvolvido, que “chama” para a leitura. Sobre os personagens, são reais, envolventes. O leitor é facilmente levado a desenvolver empatia ou rejeição por eles, é intuitivamente motivado a se colocar em seus lugares e a se questionar se faria ou não o mesmo, estando na mesma situação.

Esse sentimento de se pôr no lugar do personagem, mediante a situação que ele se encontra, é um ponto chave na leitura e no desenvolvimento de qualquer trabalho que seja baseado em uma obra. O leitor necessita sentir-se chamado a fazer parte da história, e isso está muito presente em *O Pagador de Promessas*, durante toda a leitura, o leitor sente-se convidado a estabelecer um diálogo com algum personagem.

Tratando da obra fílmica, se trata de um filme reconhecido nacionalmente, premiado com um dos prêmios cinematográficos mais importantes do mundo, o “Palma de Ouro” do Festival de Cannes, na França. O filme é bem fiel à obra de origem, mas, é inegável que ao tratarmos de uma adaptação, alguns detalhes sempre são perdidos ou modificados. Ao analisarmos as duas obras, é importante termos em mente que:

De fato, é um grande desafio dos diretores cinematográficos o trabalho de transposição da narrativa literária para a fílmica, o que faz perder, na modalidade audiovisual, a riqueza de detalhes própria da imaginação dos leitores da palavra escrita. (SANTANA e CEBULSKI, p. 15)

É preciso que o aluno compreenda essas sutilezas dos detalhes presentes na obra escrita, e que, ao mesmo tempo, ele estabeleça relações de semelhanças e diferenças com a obra resultante da primeira.

A ideia é realizar essa proposta de intervenção com alunos de ensino médio, por se tratar de um público mais consciente sobre as nuances presentes nos assuntos que são tratados nas obras.

Após a apresentação das duas obras que serão tomadas como referência, será realizada a sequência pedagógica que contará com a leitura da obra teatral, análise da mesma, momento de partilha de experiências com os alunos sobre as temáticas que serão extraídas da obra, exibição da obra fílmica, e um momento de orientação dos alunos para se organizem quanto a produção de uma peça que será adaptada, montada e encenada por eles.

O professor deve extrair ao máximo as capacidades de compreensão, de entendimento, de análise de caso nos alunos. O teatro auxiliará esses processos, de modo que os alunos serão levados a pensarem na forma como determinado assunto será retratado na criação deles, pensarão sobre o cenário, sobre o tempo da narrativa, sobre os personagens, sobre as relações que eles terão, imaginarão um enredo, e um desfecho para a história. Sobre isso Mesti e Ochôa afirmam:

Nesta experiência de teatro na escola o aluno participa desde o processo de organização teatral por meio de criação de linguagens cenográficas, que permite o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre a sua obra, por exemplo: ao criar o cenário que representa o lugar onde acontece a cena, que neste caso podem ser: lugar geográfico; lugar social; lugar geográfico e social ao mesmo tempo. O cenário também pode significar o tempo: época histórica; estações do ano; certa hora do dia. Desta forma, a função do cenário é a de determinar a ação no espaço e no tempo para que o espectador possa entender os acontecimentos. (MESTI e OCHÔA, 2007, p. 02)

Esperamos que sejam extraídas todas as habilidades possíveis dos alunos. Que esse trabalho ultrapasse os limites da obrigação do trabalho docente, que se trate de uma experiência ímpar para professor e aluno. Ansiamos que seja empregado ânimo, paixão na realização desse projeto, que seja uma experiência de autoconhecimento, de aprimoramento pessoal por meio da literatura. Como dizem Santana Neto e Cebulski: “é importante ressaltar que não é exagero afirmar que a literatura propicia o encontro do homem com o ser semelhante, com o mundo que o cerca e consigo mesmo.” (SANTANA NETO e CEBULSKI, 2015, p. 14).

4.4 Proposta: “O Pagador de Promessas: Análise da obra de Dias Gomes e as relações com a obra fílmica de Anselmo Duarte”.

-Componente curricular: Literatura

-Tema: “O Pagador de Promessas: Análise da obra de Dias Gomes e as relações com a obra fílmica de Anselmo Duarte”

-Série em que deverá ser aplicado o projeto: Turmas de Ensino Médio

-Tempo estimado para a realização do projeto: 12 aulas, divididas em 6 momentos.

O projeto versará sobre três temas principais: Intolerância religiosa/ Sincretismo entre as religiões; Papel da polícia; Função da imprensa/ mídia sensacionalista. A ideia é fazer com que os alunos notem essas questões durante o desenrolar da trama presente nas duas obras, e durante as reflexões geradas pelo professor e pelos próprios alunos no momento das aulas. Como se trata de um projeto, é interessante que o professor registre todas as aulas, para que possa fazer uma apresentação dessas na culminância.

Primeira etapa: Apresentação do Projeto

- Duração: 1 aula de 50 minutos

- Recursos: Data show, cópias da obra impressa ou arquivo em formato PDF para ser enviado aos alunos.

- Objetivos:

- Desenvolver uma visão geral sobre a proposta do projeto;
- Demonstrar interesse tanto pela história contada nas obras, quanto pela realização do projeto;

- Verbalizar suas expectativas, experiências semelhantes, dificuldades e possíveis limitações.
- Processo avaliativo: A avaliação será feita durante toda a aula, de modo que o professor note a participação dos alunos nas perguntas sugeridas, nos comentários.

A primeira etapa será o momento de apresentação do projeto. O professor fará uma breve explicação sobre o que os alunos irão realizar no determinado espaço de tempo, falará sobre as obras que tomarão como referência. É o momento sobretudo de entusiasmar os alunos.

Neste primeiro momento, é essencial que os alunos se sintam atraídos pela história descrita nas obras. Assim, é interessante que o professor conte sobre a sua própria experiência ao ter o primeiro contato com as obras.

O material de apresentação terá que ser bem sistemático e organizado, contendo todas as informações referentes ao projeto, tais como a duração, o que está planejado para cada aula, atividades que serão propostas, e por fim, a culminância.

Após a apresentação do projeto, o professor abrirá espaço para que os alunos contem sobre as suas expectativas sobre o projeto, se já tiveram experiências semelhantes, sobre os seus anseios. Neste primeiro momento, deverá ser estabelecido a forma como os alunos realizarão a leitura de *O Pagador de Promessas*, se por meio de material impresso, por meios digitais, em duplas, em grupos, individualmente.

Segunda etapa- Leitura em grupo da obra teatral

- Duração: 03 aulas de 50 minutos (cada aula)
- Recursos: Cópias da obra teatral em número suficiente para todos os alunos. Pode ser disponibilizado também a versão em PDF para que os alunos leiam a obra em seu aparelho celular.
- Objetivos:
 - Realizar a leitura da obra teatral em grupo, considerando a entonação, o tempo adequado da leitura, pontuação, etc.;
 - Observar os aspectos característicos da leitura de um texto de gênero teatral.
- Processo avaliativo: A avaliação deverá ocorrer durante todo o processo de leitura do texto. O professor observará o comprometimento e o empenho dos alunos durante a leitura.

A segunda etapa do projeto se trata da leitura coletiva da obra teatral. A leitura deve ser feita de forma coletiva por todos os alunos. O professor dividirá a turma em duplas ou grupos, e cada um se incumbirá da leitura de um personagem ou narrador.

Terceira etapa: Análise da obra “*O Pagador de Promessas*” de Dias Gomes

- Duração: 02 aulas de 50 minutos (cada aula)
- Recursos: Cartazes com os três temas geradores, folhas com falas de pessoas reais transcritas, objetos que ajudem na caracterização do ambiente.
- Objetivos:
 - Expressar seu entendimento da obra, de forma que sejam notados os principais problemas sociais vivenciados pelos personagens;
 - Estabelecer relações dos personagens da obra com os personagens da vida real, que passaram pelos mesmos conflitos e problemas sociais;
 - Relacionar casos vividos por diferentes pessoas que tenham em comum o mesmo conflito tratado na aula;
 - Compreender as principais características do gênero dramático;
 - Produzir uma síntese do debate realizado em sala, e da obra lida.
- Processo avaliativo: A avaliação deverá ocorrer durante toda a aula, partindo do início, onde os alunos comentarão sobre a obra e sobre os conflitos nela retratados, passando pela realização dos debates sobre os temas geradores. Deverão ser observadas características como engajamento nas discussões, exemplos dados, concluindo com a produção da síntese.

Neste terceiro momento, o professor juntamente com a turma desenvolverá uma análise de alguns temas presentes na obra, como já citado anteriormente. A discussão será baseada em três assuntos principais: Intolerância religiosa/ Sincretismo entre as religiões; Papel da polícia; Função da imprensa/ mídia sensacionalista. As primeiras falas serão dos alunos. O professor deverá pedir para que todos estejam preparados para falarem sobre as suas impressões sobre a obra. Um sorteio será feito para que três alunos possam iniciar as suas falas, posteriormente, outros alunos poderão contribuir com a discussão.

Também nesta aula, durante a sua fala, o professor deverá explicar, ou revisar sobre as principais características do gênero dramático.

É importante que tudo seja pensado de forma que a aula seja bem dinâmica, para quebrar a imagem de “aula normal”. O professor organizará a sala com três espaços distintos, se possível, que esses espaços sejam organizados com objetos que tenham relação com o tema, manchetes que tratam do problema em questão, transcrições das falas de pessoas reais que vivenciaram tal problemática, tudo que puder contribuir para o debate. No centro de cada espaço haverá um cartaz com cada um dos três temas. Todos os alunos juntamente com o professor passarão por cada ambiente e farão análises sobre os aspectos encontrados na obra que tratam daquele determinado assunto, falarão de casos conhecidos pela mídia ou por eles, que sejam relacionados ao assunto trabalhado.

Ao final da aula, os alunos devem produzir uma análise sobre tudo, sobre a obra de uma forma geral, sobre os temas geradores do debate, podem falar inclusive das impressões a respeito da aula.

Quarta etapa: Sessão de Cinema – “*O Pagador de Promessas*”, direção de Anselmo Duarte.

- Duração: 02 aulas de 50 minutos (cada aula)

- Recursos: Para esta aula será necessário a utilização da sala de mídias da escola, auditório, ou Data Show e notebook para realização da atividade na sala de aula.

- Objetivos:

- Observar os fatos relevantes presentes na obra fílmica que foi baseada no texto dramático;
- Tecer relações entre as duas obras, estabelecendo ligações entre as coisas em comum em ambas, e possíveis diferenças;
- Comprometer-se com a ordem e organização do ambiente durante a realização da atividade;
- Elaborar uma lista dos pontos mais importantes sobre o filme, para serem compartilhados com a turma no final da aula.

- Processo avaliativo: Durante a realização da aula o professor deve verificar o comportamento dos alunos, a maneira como se portam no ambiente. Deve avaliar também as anotações feitas por eles, e a comunicação durante o compartilhamento das suas impressões no final da aula.

A proposta dessa aula é realizar de fato uma sessão de cinema, de forma que os alunos não vejam a reprodução do filme como uma obrigação que servirá de base para uma atividade

avaliativa. Sugere-se que o professor organize o ambiente para se aproximar o máximo possível de uma sala de cinema. Que solicite que os alunos tragam pipoca ou que ele mesmo providencie, e que prepare o quadro com o nome do filme. Pode também produzir plaquinhas com falas descontraídas relacionadas ao filme, à sessão de cinema, e fazer fotos ao final da aula.

Quinta etapa: Produção de encenação teatral.

- Duração: 04 aulas de 50 minutos (cada aula).

- Recursos: Para esta aula, o professor deve entregar para os alunos um material explicativo contendo tudo, desde a divisão dos grupos, a descrição das atribuições de todos eles, todas as informações necessárias para orientar os alunos na realização da atividade.

- Objetivos

- Mostrar interesse, empenho durante a realização e a organização de suas atribuições;
- Estabelecer relações com as obras trabalhadas durante a realização do projeto, apontando um diferencial na produção do trabalho que será por eles produzido;
- Observar e pôr em prática as principais características do gênero dramático durante a produção e realização da encenação;
- Demonstrar criatividade durante a realização da atividade e habilidade em solucionar os possíveis problemas que surgirão.

- Processo avaliativo: A avaliação será feita durante a produção da atividade. O professor deverá observar todos os grupos, de modo que observe o empenho de todos os componentes. É importante observar e avaliar o resultado final, mas também o processo de construção. Aspectos como criatividade, empenho, desenvoltura, capacidade de criação e inovação devem ser avaliados.

Esta aula será destinada a divisão dos grupos para a produção de uma peça de teatro. O primeiro passo é explicar aos alunos o que se espera deles. Eles deverão escrever um pequeno roteiro, contando uma história baseada em um dos três temas geradores: Intolerância religiosa/ Sincretismo entre as religiões; Papel da polícia; Função da imprensa/ mídia sensacionalista. Podem inclusive, fazer uma adaptação das obras estudadas. Isso pode ficar a critério deles.

A turma deverá ser dividida entre grupos:

- O primeiro grupo irá fazer a direção. Três ou quatro alunos deverão unir os demais grupos, organizar as ações deles. Esse grupo se incumbirá da organização geral.

- O segundo grupo irá organizar e produzir a peça. Dois ou três alunos deverão escolher o tema ou fazer a adaptação das obras trabalhadas durante o projeto. Esses deverão concluir a sua tarefa o quanto antes, pois os demais grupos dependerão deles para a realização de suas atividades.

- O terceiro grupo se responsabilizará pela produção em si, providenciará a organização do ambiente, dos possíveis cenários, do figurino dos atores, dos demais objetos necessários para a realização da peça. Apesar de esse grupo ser responsável pela organização, não terão que fazer isso sozinhos, o professor pode ver com a direção a possibilidade de repasse do material, os demais alunos podem ajudar também.

- O quarto grupo fará a encenação. A eles deverá ser dado um tempo a mais para os ensaios, seja na escola, seja em casa.

O professor pode orientar que os alunos produzam seus trabalhos durante as suas aulas, ou, caso disponham de tempo vago na própria escola, podem o fazer nestes momentos, podem ainda fazer isso em casa. Essa escolha ficará a cargo do professor, mediante a realidade da turma.

Sexta etapa: Culminância do projeto – Realização da encenação.

- Duração: 02 aulas de 50 minutos (cada aula)

- Recursos: Para esta aula, será necessário a disponibilidade de um ambiente adequado para a realização da culminância do projeto. Os alunos responsáveis pela organização do cenário devem preparar com antecedência o ambiente. Deve ser providenciado um retroprojetor para a exibição das fotografias feitas durante a realização do projeto.

- Objetivos:

- Demonstrar entendimento sobre as características do gênero dramático e teatral, observando as equivalências entre ambos;
- Encenar satisfatoriamente a obra por eles produzida;

- Processo avaliativo: A avaliação se dará não apenas durante a concretização da atividade, todo o processo deverá ser observado e avaliado. O professor deverá observar as atividades de todos os grupos, de modo que observe o empenho de todos os componentes, o trabalho em equipe entre os membros do grupo e entre os demais grupos. O professor deverá avaliar o empenho, a

criatividade, a capacidade de resolver conflitos, e por fim, mas não menos importante, o professor deve notar o crescimento dos alunos durante a realização das atividades.

Esta aula será a culminância do projeto. O professor deve falar sobre as suas impressões sobre todas as aulas, sobre o empenho dos alunos, deverá parabeniza-los pelo esforço. É o momento de realização, de concretização de todo o trabalho produzido por eles. As fotos das aulas anteriores devem ser expostas, seja de forma impressa, seja em projeção. É importante que os demais alunos, das outras turmas vejam o projeto realizado pelos alunos. Após as apresentações, será o momento da encenação.

CONCLUSÃO

Tratar de assuntos referentes a educação exige de nós, professores, capacidade de recriação, criatividade, uso de técnicas e métodos que levem o aluno a notar a sala de aula como um ambiente agradável de aprendizagem, de partilha, de desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Lidar com o ensino da literatura então, necessita de uma dose extra de delicadeza e de sensibilidade. O professor de literatura deve conhecer as dificuldades existentes em sala de aula, observar os alunos e notar os pontos que devem ser melhorados para que o processo de ensino aprendizagem se torne prazeroso.

Através dos textos analisados, inclusive os documentos oficiais que regem a educação nacional brasileira, observa-se que a literatura ainda é de certa forma subestimada, seu potencial formador ainda não foi extraído ao máximo. Inúmeras são as possibilidades de utilização do texto literário em sala de aula, mas poucos são os recursos que são empregados nas aulas de literatura objetivando torna-las mais atrativas aos alunos. À literatura ainda não foi empregado o seu real valor, como uma área do conhecimento humano que possui uma grande capacidade formadora, não apenas no que se refere ao conhecimento formal, mas também quando se trata de conhecimento de mundo, de desenvolvimento humano.

A literatura dignifica o homem, dá a ele uma visão do mundo que ele não conseguiria ter, apenas olhando com os olhos formais. A literatura humaniza o homem, o torna mais sensível a tudo aquilo que acontece ao seu redor, que poderia muito bem o passar despercebido, caso seu conhecimento não tivesse sido treinado pela literatura.

Notamos, durante a realização deste estudo, que essa visão do estudo de literatura necessita ser expandida. Alguns velhos costumes necessitam ser melhorados, e o padrão de ensino modernizado. A literatura deve ser estudada em conjunto com as demais disciplinas, sem desmerecer ou exaltar nenhuma delas, levando sempre em conta o conceito de interdisciplinaridade. A literatura deve ser analisada em conjunto com a gramática, com a produção de textos e também com as demais disciplinas do currículo.

A magia presente na leitura precisa ser exaltada, expandida. Aquele encantamento que é semeado no indivíduo quando ele começa a conhecer as palavras e todas as possibilidades que elas proporcionam não pode ser perdido, pelo contrário, deve ser cultivado. A leitura de um texto literário vai muito além de do ato de extrair dele verbos, artigos, adjetivos, ou fazer interpretação de uma palavra, de uma frase, de um período. É um momento de introspecção, de conhecimento, de prazer, e é isso que os alunos precisam sentir.

Propomos nesse trabalho uma opção. Sugerimos uma forma de fazer diferente, de se trabalhar com um gênero que é mais atrativo para os alunos, o gênero dramático. Optamos por este, por apresentar uma linguagem geralmente de melhor compreensão, por tratar dos personagens, dos ambientes de forma mais descritiva e detalhada, facilitando a compreensão do leitor, e por ser uma leitura envolvente, contagiante.

O uso do gênero dramático empolga os alunos, foge do padrão que é orientado pela maioria dos professores, é uma novidade, e isso deixa, já de início, o aluno curioso. Trabalhar em conjunto com a leitura também a encenação, proporciona um atrativo a mais, dá sentido prático aquilo que o aluno está estudando. Por isso propomos, em nosso projeto, uma apresentação final produzida e encenada pelos alunos. Essa apresentação final se caracteriza como o trabalho prático, o fruto das atividades vivenciadas pelos alunos no decorrer do tempo de realização do projeto.

Durante toda a descrição do projeto, buscamos acrescentar elementos dinâmicos, criativos, atrativos aos alunos, para que as aulas pudessem ser vistas como um momento divertido. Procuramos meios para quebrar a imagem tradicional das aulas de literatura, para que eles pudessem ver que elas podem sim ser divertidas, eficientes, que podem extrair delas não apenas conteúdos, dados e informações importantes, mas também podem extrair coisas para suas vidas, sentimentos, senso crítico. Pretendemos, com isso que professores e alunos notem que as aulas de literatura podem ser momentos de muitas descobertas, de crescimento pessoal.

Por fim, esperamos que esse material possa servir de base para professores, que ao lerem esse material, tenham ideias, façam adaptações, busquem outras propostas de intervenção. Que vejam no texto dramático uma possibilidade para extrair dos alunos a vontade de ler.

Que utilizem desse para a realização de aulas que lidem com o gênero dramático, um gênero com um potencial tão grande, mas tão pouco utilizado nas salas de aula. Que usem das dicas e orientações aqui presentes para tornarem as aulas mais divertidas, e conseqüentemente mais proveitosas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDONI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.9 -28.

ARCOVERDE, Silmara Lúcia Moraes. **A importância do teatro na formação da criança**. In Anais do VIII Congresso Nacional de Educação (pp.600-609). Curitiba: Champagnat. 2008. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/629_639.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2020.

BIOGRAFIA- DIAS GOMES Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/dias-gomes/biografia> >. Acesso 20 de maio de 2020.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília MEC. 2000. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211> > Acesso em: 10 de maio de 2020.

BRASIL, **PCN+ Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília MEC. 2007. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211> > Acesso em: 10 de maio de 2020.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base**. Brasília, MEC. 2018. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>> Acesso em: 10 de maio de 2020.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CEBULSKI, Márcia Cristina; SANTANA NETO, Alexandre Leocádio. **Breve Introdução à Literatura Dramática Ocidental**. 1ª ed. Guarapuva: Unicentro, 2015. v. 170. 74p. Disponível em < <https://docero.com.br/doc/nx0xx80> > Acesso em: 3 de maio de 2020.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

EBIOGRAFIA – DIAS GOMES. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/dias_gomes/>. Acesso 20 de maio de 2020.

GOMES, Alfredo Dias. **O pagador de promessas**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HULLEN, Nadieli Mara; TOLEDO, Naiani Borges. O ensino da língua portuguesa: Reflexões a respeito do ensino da leitura e da escrita. In: **A docência em construção: Caderno pedagógico: PIBD – Letras/ Língua portuguesa** / Sanimar Busse (.org). Porto Alegre: Evangraf: Unioeste, 2016.

IANSSÃ. Disponível em: < <https://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/> >. Acesso 10 de maio de 2020.

MESTI, Regina Lúcia; OCHOA, Pedro Carlos de Aquino. **TEATRO NA ESCOLA: LINGUAGENS E PRODUÇÃO DE SENTIDO**. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss01_09.pdf> Acesso em: 17 de maio de 2020.

TELLES, Renata; CANDIDO, Jeferson. **Teoria da Literatura I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008. p. 9 – 41.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino na literatura**. São Paulo: Contexto, 1988. p. 15-21, 112 -119.